VICENTE YÁÑEZ PINZÓN

Quatrocentos e setenta anos depois do descobrimento do Brasil pelos espanhóis. Ensaio crítico baseado na Carta de Navegar de Juan de la Cosa, e nos tomos VII e VIII dos *Pleitos de Colon*.

GUARINO ALVES D'OLIVEIRA

1. O *mapa de Juan de la Cosa*

a) *Introdução.* Permanece resistindo de tempos a esta parte, já se vão cento e trinta e oito anos, às mais inteligentes tentativas de explicação, as acidências geográficas brasileiras pictografadas no planisfério do biscainho Juan de la Cosa. O cimélio ou *Karte von Amerika*, segundo Humboldt, debuxado no pôrto de Santa Maria de Cádis, em 1500 — 180x96, sem dúvida o primeiro *Padrón Real* dos descobrimentos de Cristóvão Colombo, Américo Vespucci, Alonso de Hojeda, Vicente Yáñez Pinzón, e Diego de Lepe, foi descoberto pelo Barão de Walchenaer, em Paris, 1832, porém, já deteriorado em dois trechos de grande importância topográfica.

Interessante é a *Linea meridional*, em 35º *W. gw.*, certamente a de Tordesilhas: intercepta uma protuberância ou cabo de Santo Agostinho, cuja latitude, entretanto, é duvidosa. Ao leste há uma grande ilha, descoberta pelos portuguêses. Segue-se, ao norte, a seguinte legenda: *"Este cabo se descubrió en el año de mil MCCCCCXCVIII por Castilla, syendo descubridor Vicentians"*. Um rasgão prejudicou o topônimo da primeira chanfradura na estrema oriental, sobrando, porém, as letras: *"rº S."*. Surgem agora duas caravelas de velame aferrado, denotando desembarque. Observa-se, outrossim, o *círculo equinocial*, na foz do rio Amazonas, peculiaridade

esta não existente com tanta perfeição em mapas de cunhos português, italiano, francês, e alemão. Por outro lado, a orla marítima maranhense jaz desfalcada por fôrça de um grande rombo, mas sobrou um mastro com a bandeira de Castela e Leão. Adiante, abre-se a foz de um rio anônimo, com uma ilha e seis ilhotas. Defronte com os hemisférios americanos uma rosácea exibe o vulto da Virgem Maria com o menino Jesus. Segue-se São Cristóvão, num retângulo, e, embaixo, a legenda: *"Juan de la Cosa la fizo en el puerto de s:m en año de* 1500."

Característica também importante é a do delineamento ao leste da chanfradura nomeada com as letras: "rº S.". Embora empírico, no rumo geral, e destituído de nomenclatura e acidências, coaduna-se com a orla marítima que, principiando na enseada de Iguape, ou melhor dizer, no rio Pacoti, em 3º 39'10"S., no Estado do Ceará, estende-se em direção sueste, até alcançar o controvertido cabo de Santo Agostinho, onde se encurva para sudoeste-oeste, conforme o *croquis* n.º 1, devidamente graduado.

Segundo o padre Hafkemeyer, as navegações de castelhanos, restritas à costa brasileira, não passaram do cabo em epígrafe. Achamos, no entanto, que o delineamento da costa oriental é um arremate espúrio, porventura oriundo de exígua noção geográfica dos périplos portuguêses de 1501 e 1503. (1) Assim, a *"Ysla descubierta por Portugal"*, como consta no mapa, patenteada face a face com aquêle promontório, também se enquadra no arremate. É, aliás, Fernão de Noronha, porém, em latitude alheatória. (2)

Pode ver-se agora que não há razão para se acreditar na hipótese de Crone, consoante a qual o acidente isleno representaria o *"descubrimiento del Brasil por Cabral en* 1500". (3) Semelhante alusão só serve de reforçar as divagações do professor Duarte Leite, nestes têrmos: *"Até agora se imaginava representar no planisfério de la Cosa o nordeste da América Meridional, é mais modestamente o ângulo que vem do delta do Orenoco até o Oyapoc, com o vértice nos limites da Guianas."* (4) Deixando de lado a opinião *in albis* do professor Leite, não é fora de propósito relembrar que Varnhagen, Rodolfo Garcia, Navarrete, Humboldt, Capistrano de Abreu, J. Cae-

1) Diz o padre Hafkemeyer: "Tôdas estas viagens de espanhóis, resumidas no mapa de Juan de la Cosa, não passaram do cabo em que o continente sul-americano dobra para sudoeste." Hafkemeyer (S. J.), J. B. — **A Costa Setentrional do Brasil nos primeiros lustros do século 16.**

Adotam também o Santo Agostnho, como ponto da primeira abordagem de Pinzón os ilustres historiógrafos: T. O. Marcondes de Souza, Roberto Levillier, F. A. Pereira da Costa, e José Maria Martínez-Hidalgo.

2) A respeito da ilha de Fernão de Noronha, aparecida por primeira vez em mapa lusitano no ano de 1502, consulte-se: Oliveira, Guarino Alves d' — **A Costa Setentrional do Brasil na Carta de Navegar de Alberto Cantino.** Editôra "A FORTALEZA", Ceará, 1969.

3) Crone, G. R. — **História de los Mapas.** México, 1956.

4) Leite, Duarte — **História da Colonização Portuguêsa do Brasil.** Pôrto, 1923.

tano da Silva, Ernst Samhaber, Barão do Rio Branco, Peschel, Sophus Ruge, Anghiera, T. O. Marcondes de Souza, D'Avezac, João Ribeiro, Alberto Magnaghi e José Maria Martínez-Hidalgo, o diretor do Museu de Barcelona, comprovam, teòricamente, a prioridade de Vicente Yáñez Pinzón no descobrimento do Brasil.

b) *O Ceará no mapa de Juan de la Cosa.* Identifiquemos os acidentes geográficos cosianos, na parte concernente ao nosso país. Não é necessário penetrar noutras particularidades, para se ter como certo que o delineamento costeiro foi feito de leste para oeste, começando na chanfradura consignada com as letras: "*rº S.*", de acôrdo com o *croquis* n.º 2. O topônimo em epígrafe diz respeito, como já vimos, ao rio Pacoti.

A oeste do mencionado rio apresenta-se uma pseudoponta de terra, assinalada com o nome: *p. fermoso.* Porém, como é fácil de verificar, a denominação está indicando a chanfradura subseqüente, ou seja, um "Pôrto Formoso". Indubitàvelmente, trata-se da enseada de Mucuripe, em 3º 43'38"S., inclusive a barreta arenosa do rio Ceará. (5)

Continuando para adiante, aparece agora outra "ponta", chamada: *plaia de arena.* Como da vez anterior, o topônimo se encontra afastado de seu verdadeiro lugar, isto é, da chanfradura conexa, e da mesma característica topográfica, em arco de círculo, que assinala a anterior. Enquadra-se com o sítio onde escoam os rios São Gonçalo e Curu, separados em coisa de cinco quilômetros. (6)

Segue-se mais uma "ponta", onde há o nome: *rº de bazrabariles,* na verdade se correlacionando com a chanfradura imediata, que é a foz do rio Mundaú, em 3º e 10'S.

Vem agora um trecho sinuoso, denominado: *motas arenosas,* ou melhor dizer, os montes modelados pelos ventos de sueste: um, defronte aos lugares *Pedras e Quitiguaba;* dois, mais a oeste; e o derradeiro, um pouco adiante de *Icaraí.*

Passados os morros praleiros apresenta-se uma depressão costeira, anônima, mas correspondendo à embocadura do rio Aracatiaçu, em 3º e 08'S.

Assim, depois do meridiano de quarenta graus, vem a ponta de Itapajé, acompanhada do nome: *Cº de s:m ª.* Correlaciona-se com o *Cabo de Santa Maria de la Consolación* de Vicente Yáñez. Aqui estêve o nauta espanhol, em 1500, porém, sem fundear. (7)

---

5) Rios insignificantes, como o Ceará, o Trairi e o Aracatimirim, nunca aparecem nos mapas quinhentistas. O Ceará, porém, sempre se confunde com a enseada de Mucuripe. O próprio Aracatiaçu, às vêzes, não é exibido, como sucede no mapa de Diego Ribeiro.

6) Nos mapas antigos os rios São Gonçalo e Curu apresentam-se unificados numa só chanfradura normalmente citada como "gôlfo", confirme as cartas de Pedro Reinel e Diego Ribeiro.

7) Consoante a opinião, hipotética, de Pereira da Costa, o Santo Agostinho corresponderia ao Consolación: "O promontório que avistaram, situado a 8º de

Depois da ponta supradita, encontra-se uma chanfradura bastante penetrante, identificável com o rio Acaraú, mas anônima, em 2° e 50'S.

Em seguida o litoral forma um seio, isto é, a *punta del medano*, ou presentemente a ponta de Jurucoacoara. (8)

---

latitude austral, e ao qual impôs Pinzón o nome de "Santa Maria da Consolação", bem expresso pelo têrmo de tôda a sorte de preocupações que atormentavam o seu espírito, é um dos pontos mais orientais da costa do Brasil, e precisamente o Cabo de Santo Agostinho, denominação dada pelos portuguêses pouco depois, e a qual ainda conserva." Costa, F. A. Pereira da — **Anais Pernambucanos.**

O ponto mais oriental, como se sabe, é a ponta Seixas, na Paraíba; mas há quem indique a de Pedras, em Pernambuco.

Sôbre o Santo Agostinho também equivocou-se o professor Caraci, ao afirmar que "**nos mapas do tempo (de Vespucci) são lhe aplicados também os nomes de Cabo da Consolação, Rostro Hermoso ou Cªbo Fermoso.**" Garaci, Giuseppe — **Amerigo Vespucci e um moderno crítico argentino.**

Pelo contrário. Os mapas, especialmente o de Cosa, não exibem o nome **Rostro hermoso.** Em Pedro Reinel documento arquivado em Paris, de 1516, há um C:. **fremoso**, nomeando o Santo Agostinho, mas isso não prova nada. Estaríamos plenamente de acôrdo com o autor italiano se ao invés de um fre o cartógrafo houvesse colocado um fer, assim: **R: fermoso**; pois não?

E quanto ao **Consolación**, êste não existe nos mapas. É verdade que Duarte Leite, escritor de imaginação muito fértil, "viu" no topônimo: **S. maria di Colón**, da carta de Egerton, uma reprodução de SANTA MARIA DE LA CONSOLACIÓN, abreviada na última palavra. Entretanto, o topônimo deve ser lido literalmente — SANTA MARIA DE COLOMBO, talvez recôrdo e homenagem do cartógrafo ao Almirante, pois foi na caravela **Santa María** que êle, em 1492, naufragou no Haiti. **Colón**, era como lhe grafavam o nome em documentos coevos. Recorde-se-lhe, como exemplo ilustrativo, o brasão: "**Por Castilla y por Leon Nuevo Mundo hallo Colón**". A grafia exibida no cimélio italiano — **S. maria de Colón** — não é abreviatura de **consolación.**

Aliás, observe-se o que ocorre com o topônimo **S. leo insula**, do mesmo mapa, descobertos em 1511 por Morgue de Brito, capitão da Armada de Garcia de Noro-Duarte Leite diz que êle refere os penedos de São Pedro e São Paulo — 0° 56'S — nha. O **S. leo insula**, agiológico, procederia, segundo o professor lusitano, de LEEO PAPA MARTIR, de conformidade com o **Regimento de Munique.**

Ora, posta à margem a **insula de S. Joane baptista**, ao sul do monte Pascual, mas que pelo nome deveria ser Fernão de Noronha, observa-se na verdadeira latitude desta ilha o **S. leo**, portanto, também Fernão de Noronha. Pois a tradução exata de **S. leo**, é São Lourenço, e não São Leeo, sendo que **leo** está escrito no mapa assim: **lco.** A letra e de **leº.** de imprensa, é um c quase fechado e sem cedilha. Por conseguinte, — **S. lco insula**, ou seja: "São Lourenço Ilha", antiga denominação de Fernão de Noronha no **Esmeraldo de Situ Orbis** de Duarte Pacheco Pereira. Desfeito assim o equívoco toponímico de Duarte Leite, só resta acrescentar que **S. lco** comprova a inveracidade da viagem de Morguer de Brito, em 1511, com relação aos penedos de São Pedro e São Paulo.

8) A forma de "seio", para a **puntª del medano**, consta na cópia manuscrita da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. No fac-símile do original de Madri o contôrno é pontiagudo.

Jurucoacoara, como bem acentua Carlos Studart Filho, é "formada por duas eminências arredondadas de mais de cem metros de elevação". E adiante: "do cabo de Santo Agostinho ao semidelta do Parnaíba, alinham-se, assim, enormes médões de terra frouxa que se movimentam e caminham à maneira de vagas sucessivas avançando para as praias distantes. Crescendo no sentido tridimensional.

Surge agora uma embocadura flúvica, em meia-lua, tendo a oeste o nome: *r° do se fallo una cruz*. Êste rio, *"adonde se hallo una cruz"*, é o moderno Camucim, em 2° 55'17"S.

Segue-se o meridiano de quarenta e um graus, e depois o *C de arenfas*. Adiante há uma chanfradura larga, com o *z° negro*. O primeiro acidente refere a ponta arenítica do rio Timônia, isto é, o "Cabo de Arrecifes" e o rio Negro é o próprio Timônia, em 2°54' 46"S.

Vem agora uma *plaia*, e subseqüentemente o *m. negro*, na margem ocidental duma chanfradura anônima, que é o rio Parnaíba, no Estado do Piauí.

Em seguida aparece a *costa pareja*, compreendendo o litoral recifoso de Tutóia, no Estado do Maranhão, (9) inclusive uma chanfradura anônima a oeste, identificável com o rio da Fome. (10) Não figuram as ilhas Grande, Caju e Canárias.

Segue-se outra *plaia*, e mais avante está o *r° de arboledos*, assinalado por uma chanfradura bastante ampla, sem dúvida a baía e rio das Preguiças, notáveis então, como deixa entrever o topônimo, pelas suas palmeiras justàfluviais. (11)

Adiante, vem a *Costa de arena*, naturalmente os famosos "lençóis" de areia estendendo-se do rio das Preguiças até o lugar *Primeira Cruz*.

Encerra-se aqui o *croquis* n.° 2, mas poderemos ir mais adiante. Por exemplo, passada a costa arenosa maranhense, observa-se grande rombo no mapa — *croquis* n.° 1 — o qual se estende na amplitude longitudinal de 43° a 46°, desde o rio Preá até o rio Gurupi.

---

chegam as dunas a medir dois e mais quilômetros de comprimento por setenta e até oitenta metros de altura e dezenas de metros de largura". Filho, Carlos Studart — **O Antigo Estado do Maranhão e Suas Capitanias Feudais.**

Os lençóis de areia ressaltam mais significativos no Estado do Maranhão, estendendo-se entre o rio das Preguiças e o lugar Primeira Cruz,. cêrca de oitenta quilômetros de costa. Daí a denominação muito bem adequada, com c maiúsculo: Costa de arena, e não simplesmente plaia, como sucede no Ceará, no Piauí, e a oeste de Tutóia, entre os rios da Fome e Preguiças. Aliás, êste último lugar, figurado no croquis n.° 2, é idêntico à topografia arenosa atual, como se pode constatar em mapa do Piauí, escala 1: 1 000 000.

9) Th. Pompeu Sobrinho tem dúvida sôbre o sentido da expressão: costa pareja, dizendo: "Não conseguimos saber o que significa esta palavra, que parece deturpada". Ora, pareja, vocábulo espanhol, significa: "parelha", em português. Quer dizer: igual, semelhante, emparelhado. Com relação ao mapa cosiano, a palavra refere o cordão de recifes correndo parelha com o litoral desde Tutóia até um pouco adiante do rio das Preguiças. O têrmo já era utilizado entre os portuguêses para exprimir a precariedade da costa nrodestina, conforme o seguinte tópico duma carta de Duarte Coelho, donatário de Pernambuco, dirigida a el-rei, em 20.12.1546: "**porque quando a fortuna der com alguns portuguêses aí a costa por ser ruim "pareja" terá homem**"... etc.

10) O rio da Fome é bastante citado em mapas antigos, mas como o rio da **Necessidade.**

11) A nosso entender, salvo engano, o apelido: "preguiças", provém do fato de o rio fazer muitos meandros, mais ou menos doze.

Do meridiano de quarenta e sete graus para a frente a costa forma um ângulo, sítio onde se poderia localizar, *grosso modo*, a ponta Tijuoca, no Estado do Pará.

Depois do meridiano de quarenta e oito graus está a embocadura de um rio sem nome, marcada com uma ilha e seis ilhotas. É o Pará, com a ilha de Abaetetuba.

Mais avante registram-se as *yslas de s. telmo*, identificáveis com as de Caviana e Mexiana.

Vem agora a *tierra llana*, justamente o litoral raso da ilha Marajó, e o *Gº de s:mª*, ou seja, a foz do rio Amazonas, com o topônimo: *el macareo*, e, na língua do silvícola, a *pororoca*.

c) *História do mapa cosiano*. O setor costeiro desde Iguape até o gôlfo de Pariá, na Venezuela, constante no mapa de Cosa, procede das viagens de Vicente e de Diego. Em outros têrmos, a nomenclatura pertencente a Diego de Lepe começa em Iguape, com o topônimo: *"rº S."*. A de Pinzón, restringe-se a dois lugares: o *Cº de s:m ª* e o *Gº de s:m ª*. A nosso juízo, tôda a nomenclatura do mapa pertence a informações de Lepe, pois tudo indica que Pinzón fêz poucas escalas na costa brasileira. A história do documento de Cosa, pode ser averiguada por intermédio dos depoimentos de alguns castelhanos, prestados às *Probanzas del Fiscal y del Almirante*.

Comecemos com Pedro de Ledesma: que *"vydo este testigo yr las naos y la gente que con el* (Diego de Lepe) *yban, é vydo bolver á esta cidad de Sevilla, salvo al dicho diego de lepe, que no vydo, é que los que con el fueron truxeron la figura de lo que descubrió."*

A "figura" ou carta de marear em tela foi devidamente examinada por pessoas de gabarito, inclusive por Vicente Yáñez e Alonso de Hojeda, sobretudo êste, que declarou: *"vyo la figura que truxeron del viaje que avia hecho"*.

Ora a explicação para a origem dos topônimos: *Cº de s:m ª* (sem o *Consolación*), e o *Gº de s:m ª* (sem o *Mar Dulce*), só poderiam subsistir mediante a hipótese de que Vicente Yáñez mandara esboçar sua derrota sul-americana, e consultara o desenho de Lepe. E assim foi, como se constata dos testemunhos de Alonso de Hojeda e André de Morales. O primeiro, quanto a Pinzón, disse o seguinte: que *"vyo la figura que a sus Altezas truxeron"*; e o derradeiro esclarece outros fatos, como examinar, êle próprio, as "figuras" de Pinzón e de Lepe, tomando-as, depois, por modêlo, para confecção de uma carta de marear: *"dixo que sabe lo que contenido porquel lo oyó dezir al dicho vrcente yanez ya a los que con el yvan, y a diego de lepe descubridor que morió en Portugal* (12) *y que este testigo*

12) Tudo indica que Diego de Lepe morreu enforcado em Portugal, como se depreende do seguinte tópico da carta de Estêvão Frois, datada de S. Domingo, 30.07.1514: **"Quanto mays sñor que todos estes testigos que contra nos deram** (depuseram) **hetodos os que nos predujcauam dos naturaes de palos e moger que eram ho mes que nos queRyam mall/ por causa de huum dyogo de lepe que vosa**

hizo una figura que se dize carta de marear para el señor obispo don juan de fonseca en Sevilla por la relacion que le avian fecho los sobreditos."

De que a nomenclatura cosiana na parte relativa à costa setentrional pertence a Diego de Lepe, nada mais convincente, sobretudo, tendo-se em consideração a seguinte passagem do depoimento de Cristóbal da Vega: *"dixo que lo sabe segund que en ella se contiene porquél mismo fué en aquel viaje con el Viceynte añez é fué presente a todo ell é que llegaron por la costa adellante desde donde dexo señalado diego de lepe."*

Assinalado em que? certamente na "figura" topográfica examinada por Vicente Yañez e Alonso de Hojeda. Desde onde? desde o *Cº de s:m ª*, na ponta de Itapajé. Em conclusão, êste topônimo foi marcado no *croquis* de Lepe, mediante informação do próprio Vicente Yáñez. Entretanto, êste nauta não fêz registar o lugar do desembarque, o seu *Rostro hermoso,* acêrca do qual trataremos mais adiante.

Os manuscritos de Pinzón e Lepe foram aproveitados na confecção do *Padron Real* da Espanha, conforme se constata por intermédio de Pedro de Ledesma, nos inquéritos daqueles nautas: "*Y que*

---

alteza mandou em forcar por que foy tomado (aprisionado) nas partes de gyne (Guiné) com certos negros que le uaua furtados". O depoimento de André de Morales foi tomado em S. Domingo, em 1513.

Terminado o estudo do mapa cosiano, cumpre salientar agora, para evitar dúvidas, que Th. Pompeu Sobrinho, em sua Proto-história Cearense, oferece-nos uma visão inteiramente errada da topografia do mapa. Em primeiro lugar, incluiu, de acôrdo com a hipótese de Hafkemeyer, no delineamento, litorais do Rio Grande do Norte. E em derradeiro lugar, não soube identificar as chanfraduras, nem distinguiu o deslocamento de alguns topônimos de suas respectivas acidências. Por exemplo, a primeira chanfradura, marcada com as letras: "rº S.", corresponderia à Baía de Guamoré, no Rio Grande do Norte. Todavia, começou suas identificações no topônimo: p. fermosa (p. 31-32), harmonizando-o com a ponta de Três Irmãos. Nesse caso, subtraiu a primeira chanfradura — "rº S." — como se aprecia no croquis n.º 2. Aliás, basta reparar que a grafia não é: p. fermosa e sim p. fermosº. Entre as três primeiras reentrâncias da extrema oriental do dilineamento não há "pontas" de terra. O traçado pontiagudo é simplesmente consequência dos arcos de círculos. O nome p. fermoso, por exemplo, está deslocado confronte com uma destas pseudopontas mas diz respeito à reentrância conexa. O autor leu: p. fermosa evidentemente errado, e de imediato identificou-a com uma das "pontas". Bem entendido? Ademais, para achar o Cº de s:m ª ou Consolación na ponta Grossa, como o fêz o autor, precisaria que as identificações começassem da primeira chanfradura. Contando-se da primeira, para o oeste, o topônimo passa a demorar onde deveria ser Iguape! Mas, se passa a contar da segunda chanfradura, o cabo coincide com a ponta Grossa. Mas como se aprecia, de qualquer modo as identificações estão erradas, pois o Consolación é a ponta de Itapajé, e a primeira chanfradura a enseada de Iguape.

A relação toponímica de Th. Pompeu Sobrinho merece outros reparos. Por exemplo, o nome: "rº de baziabariles", escreve-se em nossa cópia: rº de bazrabariles. O b vale por um v fechado — reflexo prosódico. Quanto ao z, trata-se de um r, utilizado também na grafia portuguêsa da época. Por outro lado, a tradução de bazrabariles não significa lugar de "aguada", como propôs o autor, ao citar êste topônimo no mapa de Egerton: "é possível que recorde aguada de alguma expedição que velejou por aqui no decurso dos dois primeiros lustros do XVI século". O topônimo aparece também na carta de Cavério — Vazia baril — mas referindo o

lo que descubrió los dichos diego de lepe é su compania lo truxeran por fee é testemonio é esta puesto en el padron real". E quanto a Vicente Yáñez: *"é que lo vido este testigo bolver é traer la figura de todo lo quel descubrió é questa su figura puso en el padron de su Alteza".* Conclui-se disso tudo que o planisfério de Juan de la Cosa foi feito por etapas, especialmente na parte correspondente aos descobrimentos americanos. Os setores costeiros de Pariá até o gôlfo de Darién, na Colômbia, procedem de explorações do próprio Cosa, ou talvez e mais lògicamente de *croquis* de viagens de Alonso de Hojeda.

2. *A viagem de Vicente Yáñez Pinzon*

a) *O cabo de Santa Maria de la Consolación.* Difícil é averiguar a data exata em que Vicente Yáñez zarpou do pôrto de Palos. Segundo Petri Marty d'Anghiera, protonotário apostólico na Espanha, as quatro caravelas do nauta, que não foram outras senão as de nome: *Pinta, Niña, Vicente Yáñez,* e *Fraile,* partiram os mares em novembro de 1449. Aliás, Angelo Trevigiano, tradutor da primeira *década* da obra de Anghiera, para o almirante Domenico Malipiero, (13) consigna o dia *"VIIII di nouembrio".*

Vicente Yáñez dirigia a caravela gorda. Na segunda e terceira embarcações estavam seus sobrinhos Ariaz Perez e Diego Hernández Colmenero. Desconhece-se o nome do capitão da quarta caravela,

---

rio Real, em Sergipe. De conformidade com o **Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguêsa**, 2.ª edição, sabe-se que o têrmo: **bªzabarris**, s. m., significa: "enseada ou costa onde se dão muitos naufrágios". Frei Vicente do Salvador esclarece a mesma coisa ao referir o rio Real: **"Na enseada de Vazabarris, onde se perdem muitos navios por causa dos recifes que lança muito ao mar."**

Th. Pompeu Sobrinho enuncia o Monte Tibau (o vermelho, praieiro, porque havia outro no interior da costa) como pertencente ao litoral cearense. E com efeito uma citação capciosa, porquanto já está provado que o acidente nunca pertenceu, em tempo algum, ao Ceará, conforme Ruy Barbosa: Limites entre o Ceará e o Rio Grande do Norte, v., XXXI, 1904, tomo v., Ministério da Educação e Cultura. Rio, 1957.

O "Cª de St Mª" da cópia de Pompeu difere do nosso: Cº de s:mª. O seu rº de se sªllo una cruz", consta em nossa cópia manuscrita: rº do se fallo una cruz, a exata.

A oeste da Costa de arena colocou Pompeu o topônimo: plala. Na realidade, êle vem antes dela. Não existe o "G de arᵉcfes", mas um C de arenfas. De fato, o e parece um g, mas entre os rios Camucim e Timônia não há nenhuma reentrância merecedora de qualificativo de "gôlfo". O g do topônimo de Pompeu é um c mal delineado. O mesmo acontece com o topônimo Cº de s:mª de nossa cópia: o c tem a aparência de um Q, e ni entanto se trata de cabo.

A propósito, o zº negro, que identificamos acertadamente com o rio Timônia, justifica-se plenamente. As praias de Bitupitá, como verificamos pessoalmente, são de areia escura, e na embocadura do Timônia prolifera a flora alófita com mangue vermelho, em que a lama, negra ensejou a cognominação castelhana. O m. negro, situado na margem ocidental do rio Parnaíba, é inidentificável.

13) Publicado por Albertino Verselhese de Lisona: **Libretto de tutta la navegatione del Re de Spagna de le isole tᵉrreni nouamente trouati.** Veneza, 1508.

mas tudo indica que se tratava de Antón Hernández Colmenero. Seguiam-se: Martin Arreira, Diego Penton, Juan Calvo, Diego Prieto, Juan de Paléncia, Pero Ramírez, Manuel de Valdovinos, Diego de Alfaro, Cristóbal da Vega, uns filhos de Diego Martin, quatro escrivães régios, um dos quais o médico Garcia Hernández, e mais outras pessoas que não depuseram nas *"Probanzas"*, provàvelmente mortas em luta com silvícolas ou em naufrágios.

Consoante o relato de Trevigiano, (14) o *Capitán* levou de vencida trezentas léguas no rumo sudoeste, após deixado o arquipélago de Cabo Verde no dia 13 de janeiro. Perdida de vista a Polar, afrontou *"terribilissima fortuna de mare con pioza: & uento crudelissimo"*. Cobriu mais duzentas e quarenta léguas, e, uma vez ultrapassadas com sobrançaria as tempestades e a espêssa neblina equatoriais, descobriu *"tierra firme"*, assinalada por uma ponta, logo batizada de *Cabo de Santa María de la Consolación*, sem dúvida a ponta de Itapajé, a vinte de janeiro de 1500.

b) *A data da chegada ao Ceará*. O óbice à interpretação da data de chegada, pois a de Trevigiano — vinte de janeiro — é inaceitável, não visa o dia da partida em Cabo Verde. Nos autos das *"Probanzas"*, por exemplo, Pero Ramirez refere à travessia atlântica nos seguintes têrmos: *"fueron direchamente alas yslas de antonio que son del Rey de Portugal a fazer carnaje y que de alli partieron la via del sudoeste para yr en busca de descubir y pensaron de no fallar tierra dende tres o quatro meses y acabo de catorze dias dieron en tierra firme"*. Há neste tópico dois equívocos. A *flota* não velejou diretamente para Cabo Verde, pois estêve nas Canárias. (15) E o espaço de tempo para a viagem transoceânica — quatorze dias — não tem lógica. O depoente, falho talvez da memória, confundiu-o com o trajeto de Palos a Cabo Verde.

Há outras inexatidões. Anghiera assinala o dia 26 de janeiro para a chegada ao Brasil, (16) acompanhado de Herrera, (17) Southey, (18) e Varnhagen. (19) Trevigiano fala em 20 de janeiro, seguido de Navarrete, (20) Gaffarel, (21) e Madrignano. (22). De outra parte, segundo F. A. Pereira da Costa, há a *Biographie Universelle*

---

14) Inserto na obra de Montalboddo: **Paesi nouamente retrovati & Novo Mondo da Alberico ,Vesputio Florentino intitulâto**. Consulte-se o Cáp. CXII, **Nauigatione de Pinzone compagno de lo Almirante cõ suo inuento. Milão, 1508.**

15) Cf. Trevigiano, **"Forono alisole de Canaria"**.

16) Anghiera, Pedro Mártir — **Decadas del Nuevo Mundo. Buenos Aires, 1944.**

17) Herrera, Antônio de — **Historia General de los hechos de los castellanos en las islas y tierra firme del mar oceano. Madri, 1730.**

18) Southey, Robert — **História do Brasil. Rio, 1862.**

19) Varnhagen, — **Historia Geral do Brasil, s/d.**

20) Navarrete, Martin Fernández de — **Colección de las viages y descubrimientos que hicieron los espanoles desde fines del siglo XVI. Buenos Aires, 1945.**

21) Gaffarel, Paul — **Histoire de Brésil Français au XVI siècle. Paris, 1878.**

22) Madrigano, Archangelo — **Itinerariu portugalesiu. Tradução de Paesi para o latim. Milão, 1508.**

assinalando: em "fins de janeiro", e também W. Irwing, com o dia 28 de janeiro, inclusive Rucammer em sua tradução de *Paesi*, (23) com a data de 20 de fevereiro, (24) a única consentânea.

Ora, ninguém atravessaria o Atlântico em apenas quatorze dias. O segrêdo, entretanto, está patenteado naquela legenda do mapa de Cosa: *"Este cabo se descubrió en el año de mil MCCCCCXCVIII por Castilla, syendo descubridor Vicentians."*

A data em epígrafe, aparentemente não tem sentido. Bastaria escrever-se: *MCCCCC*. Qual o motivo das letras seguintes: *XCVIII*? está claro que elas representam o dia e o mês da chegada. No primeiro caso temos: *XCVI*, evidentemente errado. Ao invés de um *c*, leia-se um *x*: — XXVI. E no último caso, o mês: II, isto é, fevereiro. Então temos a data exata: 1500 + XXVI + II, ou seja: 26 *de fevereiro de* 1500. Como se pode apreciar agora, Anghiera cita o dia "26", mas se engana no mês, citando janeiro. (25)

Veja-se o 26 *de fevereiro*, sem significação agiológica, e por isso desafiando a argúcia dos escritores. O nome *Santa María*, dado à ponta de Itapajé, segundo o mapa de Cosa, deve ter uma explicação. Porém sòmente H. Harrisse e Orville A. Derby se aproximaram da encruzilhada. Nem tôda vez o batismo de acidente geográfico condiz, necessàriamente, com o dia consagrado ao santo. (26) Derby, entretanto, reconhece no topônimo acima aludido a data de 2 de fevereiro, pelo fato de coincidir com a festa de *Nossa Senhora da Purificação*. (27) Esta hipótese do ilustre sábio parece verossímil, em face do outro *Santa María* no Amazonas. Pinzón teria chegado lá no dia 25 de março, consagrado à *Anunciação de Nossa Senhora*. Todavia, acha-se submetida a viagem a uma dúvida: 4 de fevereiro (subtraídos os dois dias de aguada no Ceará) a 25 de março são cinqüenta dias, tempo demasiado longo para a viagem. Mas se o nauta chegou ao Ceará no dia 26 de fevereiro, então gastou vinte e seis dias, tempo muito razoável. De qualquer modo, só por uma grande e rara coincidência poderia o nauta entrar no *mar dulce*, precisamente no dia comemorativo da outra santa do calendário! A resposta necessária à controvérsia é que Pinzón chegou ao Ceará no dia 26 de fevereiro, com quarenta e cinco dias de travessia atlântica — e daí a grande *consolación* de um pôrto à vista — e que os topô-

23) Rucammer, Jobesten — **New un berkanthe landt und ein newe weldt in kurtts vergander zeyte erfunden. Nuremberg, 1508.**

24) Redouver, Matharin du — **Pays inconnus et un nouveau monde trové depuis peu. Paris, 1516.**

25) O que escreveu Th. Pompeu Sobrinho, sôbre a chegada e o desembarque de Pinzón, deve ser relegado ao esquecimento.

26) Cf. Duarte Leite: nem **"sempre é permitido, portanto, concluir do santo para a data da descoberta"**. Nada mais evidente. Exemplo ilustrativo: a 7 de agôsto de 1501 — Mundus Novus — Gaspar de Lemos fundeou em Touros, no Rio Grande do Norte, ocasião em que se rezou uma missa de ação de graça. Por causa disso o lugar ficou batizado com o nome de Santa Maria da Graça, conforme o mapa de Nicolô de Cavério.

27)Derby, Orville A. — **Os mapas mais antigos do Brasil.**

nimos agiológicos não referem dias de chegada, mas o santo do mês — *Nossa Senhora* — uma em fevereiro e outra em março.

c) *Rostro hermoso*. É normal dizer-se que se em navio nos aproximamos da costa, o primeiro que se distingue são as terras elevadas. Mas no trecho vizinho à ponta de Itapajé há um espraiado de oito léguas, sem montes, exceto o da Testa Branca, porém, muito longe, a oeste-noroeste, como pôsto avançado da barreta do rio Acaraú. Possivelmente, o primeiro ponto avistado por Pinzón foram os morros do Sargento, em número de três, situados légua e meia a oeste da foz do rio Aracatiaçu. A *flota* acompanhou o litoral umas cinco léguas, e dêle se aproximando, lançou a sondareza, mas sem achar fundo. Acostou-se mais: *"XVI brazas de acqua"!*

Aduz Duarte Leite. que se não tem indicação do valor desta medida castelhana, "mas supondo-se idêntica à medida náutica que os portuguêses usavam sob êste nome nos fins do século XVI, ela equivalia a 8 palmos ou 1m76 (Pimentel, *Arte de Navegar*, pág. 4). As 16 braças igualam 28m16". Vem pois a propósito recordar que Manuel Regefeiro, pilôto seiscentista, em sondagens efetuadas entre a ponta Grossa e a de Jurucoacoara, cêrca de sessenta léguas de litoral, consigna dois setores com profundidade de dezesseis braças: nas alturas da foz do rio Choró, quinze léguas a oeste da ponta Grossa, e na costa de Acaraú.

Já bem divisada a ponta de Itapajé, Pinzon batizou-a com o nome de *Cabo de Santa María de la Consolación*, e prosseguiu costeando, com o prumo na mão. Avante, avistou o morro da Testa Branca, a foz do Acaraú e o morro do Sernamby em litoral de areia eólica. Passou por umas barreiras vermelhas acompanhadas de penedias, e por fim descobriu uma enseada ao sul de um morro redondo muito alto. A *flota* aferrou o velame, com quatro ou cinco braças de fundo, em água turva e brancosa. Nessa derrota percorrera oito léguas. Era a enseada das Tartarugas, na ponta de Jurucoacoara, o *Rostro hermoso* do nauta. (28)

3. *Posse Jurídica da Terra Firme*

a) *O desembarque. O auto de Posse*. Vicente Yáñez reuniu os sobrinhos Ahrias Perez, Diego e Antón, e com êles deliberou que se tomasse posse da terra. Uma chalupa conduziu-os com os quatro

28) Sôbre o setor costeiro entre a ponta de Itapajé e a de Jurucoacoara consulte-se o cosmógrafo-mor Maris Carneiro. Quanto à água turbia y blancoza registada por Herrera, ela combina com a descrição da enseada das Tartarugas, inserta na Jornada do Maranhão, de Diogo de Campos Morenos: "e pela banda do Loeste já se descobria a ponta, ou morro de Juruguaguará, para a qual chegando-se com o prumo na mão, e vendo mui claro o fundo, deram em quatro, e ef cinco braças bem pegadas à ponta". A enseada em si era muito perigosa, repleta de cachopos, motivo pelo qual se fundeava fora dela, cingido à ponta. Foi o que sucedeu também com Pinzón.

escrivães régios à praia. Reconheceram o terreno, vizinho a umas penedias correndo de oeste-sudoeste, mas não viram silvícolas, exceto alguns rastros na areia. Iniciando a solenidade jurídica o Capitão bebeu água, para dar fé a sua Alteza, (29) e em seguida leu, em voz audível, o seguinte *Auto de Posse*:

"Eu, Vicente Yáñez Pinzón, vassalo dos muito altos e muito poderosos reis de Castela e Leão, vencedores dos bárbaros e infiéis, e seu embaixador e capitão, vos notifico e faço saber, munido dos plenos poderes a mim conferidos, que Deus Nosso Senhor, que é eterno, creou o ceu e a terra, assim como o homem e a mulher, dos quais descendemos nós e vós outros e todos os mais homens que existiram, existem e hão de existir até o fim do mundo. Mas, como aconteceu que as gerações sucessivas, durante mais de cinco mil anos, fôssem dispersas pelas diferentes partes do mundo, se dividissem por muitos reinos e províncias, visto como uma só não era cabal para os suster e manter a todos; foi por motivo disso que Deus Nosso Senhor confiou o cuidado de tôdas as nações a um homem que se chamava Pedro, ao qual alevantou por senhor e cabeça de todo o gênero humano, a fim de que os homens lhe rendessem obediência, sem escolha do lugar em que nascessem, ou de religião em que fôssem doutrinados, submetendo-se a êsse intento a terra inteira à sua jurisdição, e ordenando-lhe de assentar a sua residência em Roma, que em verdade é o lugar mais asado para governação do mundo. E por igual lhe prometeu e conferiu o poder de dilatar e estender a sua autoridade por tôdas as partes do mundo, onde mais quisesse, e de avassalar e julgar todos os cristãos, mouros, judeus, idólatras e quaisquer outros povos de qualquer seita ou crença que ser pudesse. A êste foi dado o nome de Papa, que tanto monta em dizer admirável, grande, pai e tutor, sendo que com efeito é o pai e regedor de todos os homens. Os que viveram no tempo dêste santíssimo padre e confessavam por seu rei e senhor, e como tal lhe obedeciam transmitindo-se esta obediência aos que lhe sucederam no pontificado, como ainda hoje continuará até à consumação dos séculos.

E um dêstes soberanos pontífices, como senhor universal da terra, fêz mercê e doação destas ilhas, e da terra firme do oceano a Suas Majestades Católicas, os serenissimos reis de Castela, d. Fernando e d. Isabel, de gloriosa memória e a seus sucessores, nossos soberanos, com tudo quanto nela se achasse, como tudo vem expresso nos autos que vos serão mostrados, se o desejardes. Assim que, e em virtude da sobredita doação, é S. M. rei e senhor destas ilhas, e da terra firme sendo que por tal o aclamaram e reconheceram as mais

29) Consoante o testemunho de Antón Hernández Colmenero, o Capitão "no consyntió que ninguno (marujo) que conel yvan saltarse en tierra salo el dicho vicẽynte añez y ciertos escrivanos que yvan en el dicho navio", isto é, na caravela gorda. Naturalmente, antes de desembarcar os sobrinhos se reuniram com o chefe nessa caravela. Sôbre o mesmo assunto, veja-se Garcia Ferrando: "saltó (Pinzón) con quantidad de su jente (os capitães) e cuatro escrivanos", e em terra "bebió agua para dar fé a su Alteza".

a quem se deu conhecimento dos ditos autos e títulos, e nessa qualidade de seu senhor legítimo que é, lhe rendem preito e homenagem, de muito bom grado e sem nenhuma oposição. E como os ditos povos foram inteirados da sua vontade, para logo se conformaram com ela, recebendo a instrução e doutrina que lhes ensinavam os varões que a êsse intento lhe enviou S. M., fazendo-se todos cristãos, e continuando a sê-lo, não movidos de esperança alguma de galardões, ou temor de castigo. S M. que os acolheu com bondade sob a sua poderosa proteção, foi servido determinar que fôssem todos tratados de feição, como os outros seus súditos e vassalos. Estais, pois, adstritos e obrigados a portar-vos do mesmo modo, pela qual razão vos peço e rogo hajais de refletir maduramente em tudo quanto vos acabo de propor, a fim de que possais reconhecer a igreja por soberana e guia universal, e o santíssimo padre, chamado papa, em virtude de seu próprio poder. e a S. M., por doação do papa, como reis e senhores soberanos destas ilhas e terra firme, não pondo embaraço algum à pregação da fé.

Se vos conformais com isto, andareis bem, e cumprireis vossos deveres por onde S. M., e eu, em seu nome, os havemos de acolher com amor e bondade, deixando-vos a vós, vossas mulheres e vossos filhos em plena liberdade, e livres do cativeiro, gosar de todos os vossos bens, sem nenhuma diferença dos habitantes das ilhas, afora muitos outros privilégios, isenções e regallas que vos há de acordar S. M. Porém, se recusais, os dilatais, maliciosamente, a obediência devida à presente notificação, nesse caso, com a ajuda do Todo Poderoso, entrarei forçosamente por várias terras, e vos farei crudelíssima guerra até de todo reduzir-vos à obediência da igreja e del-rei, arrebatando vossas mulheres e filhos para se venderem como escravos, ou deles dispor como aprouver a S. M., tomando-vos os vossos bens, e fazendo-vos todo o mal e hostilidade quanto em mim couber, como a súditos rebeldes e levantados. E já daqui protesto que todo o sangue derramado e mais desgraaçs que sucederem, em razão de vossa desobediência, nunca, jamais se imputem sinão a vós mesmos, e não a S. M., nem a mim, nem a nenhum dos súditos de S. M. que servem debaixo de minhas ordens. Em fé do que, e para a todo tempo constar, tendo-vos feito esta intimação e requisição, se lavrou o presente auto."

Terminada a leitura e assinado o documento pelas testemunhas e pelos escrivães, o Capitão fêz *"mojones de tierra"*, isto é, demarcou o terreno com cruzes de ramos e de madeira, e batizou-o com o nome de *Rostro hermoso*. (30)

O ponto de vista sustentado por Varnhagen, de que o *cabo de la Consolación* estava apartado de *Rostro hermoso* coisa de muitas

30) Conforme a declaração de Antón Colmenero: que "vido como el dicho viceynte añez tomó posysyon de la tierra en voz y en nombre del Rey nuestro señor do qual (êle, Antón) paso ante los dichos escrivanos (o auto de posse?) por mandado del dicho viceynte y despues de tomada la posysyon este testigo

léguas, baseia-se, como é sabido, numa *capitulación* dos reis católicos, passada com Vicente Yáñez, a 5 de setembro de 1501, na qual se diz: *"nuestro Capitan e Gobernador de las dichas tierras e suso nombradas desde la dicha punta de Santa Maria de la Consolación seguiendo la costa hasta Rostro hermoso"*. O insigne historiógrafo alvitrou então que a "punta" seria a de Mucuripe, e *Rostro hermoso* a ponta de Jurucoacoara, distante quarenta léguas. Ora, houvesse Pinzón avistado o Mucuripe, aí mesmo teria desembarcado e se apossado da *"tierra firme"*. O nauta não iria navegar quarenta léguas, em busca de pôrto, se já tinha diante de si o de Mucuripe!

Em Itapajé as condições eram outras. O costado marítimo, assinaladamente desprotegido, com bancos de até uma légua ao mar, e profundidade de, no máximo duas braças. (31) não permitiu ancoragem segura. Urgia pois continuar costeando a favor da corrente e dos ventos que em fevereiro tangem de sueste, até encontrar um fundeadouro, que foi, por sinal, a enseada das Tartarugas, na ponta de Jurucoacora.

Diz Varnhagen, com tôda a razão, que êste promontório justifica o nome de batismo, porque quando avistado do mar proporciona a impressão de um bico de ave — *rostro*, bem delineado e colorido. Na realidade, "bico" em espanhol é rostro, e *hermoso* porque na extremidade do promontório havia e há rochedos de mármore jaspeado de muitas côres.

Nos dois dias que ali passaram, fizeram os castelhanos outras diligências. Abasteceram-se de água e lenha, tomaram a altura do sol, e escreveram seus próprios nomes, os do rei e da rainha, inclusive a data da chegada, em árvores e rochedos. (32)

Ora escrever em árvores e rochedos significa gravar. E quem o faz, geralmente grava apenas as iniciais. Naturalmente, Pinzón gal-

---

vído como viceynte añez fizo mojones de tierra y le puso un nombre que este testigo no se acuerda". Fazer "mojones" significa demarcar o terreno: de **"mojóne"**, baliza ou marco. O nome esquecido pelo depoente é **Rostro Hermoso,** conforme esclarece Garcia Ferrando: **"pusyeron nombre alli donde tomaron este dia, rostro hermoso el dia que la tierra se descubrió".** ..

31) Com efeito, a derrota de Pinzón, após avistar terra nas alturas dos morros do Sargento, só poderia ser a de leste-oeste, a favor dos ventos e das correntes. De Itapajé para o oeste a primeira enseada aportável era a das Tartarugas. Navegando com o prumo na mão, como era de praxe, Pinzón teria infalivelmente de fundear nessa enseada.

32) Cf. Gómara: **"Escrivieron en arbóles y peñas el dia que llegaron, e sus proprios nombres y del Rey e reyna en señal de possesseión."** Diz Pompeu que os espanhóis escreveram os nomes em pedras à flor da água, como sucede na enseada do Retiro, na ponta Grossa. Ninguém escreve em arenito dessa espécie. Em tôda a costa do Ceará é a ponta de Jurucoacoara o único sítio onde existe penedia convidativa a tal entretenimento. Os espanhóis sentiram-se atraídos pelo paredão incrustado de placas de mármore e por isso gravaram suas iniciais.

gou a encosta oeste da ponta, e recortou no mármore, à altura dos olhos, uma inscrição, mais ou menos como esta:

V Y P

RF RY

XXVI II MCCCCC

Ouvimos falar na cidade do Camucim sôbre a existência de um lajedo no lado oeste-sudoeste de Jurucoacoara, exibindo letras, inclusive uma data com dia, mês e ano de 1500. Trata-se, sem nenhuma dúvida, da inscrição de Vicente Yáñez, hoje em grande altura devido o rebaixamento do solo nestes últimos quatrocentos e setenta anos. (33)

b) *Vicente Yáñez prossegue viagem para o Noroeste*. Consoante os cronistas, o nauta prosseguiu viagem para o noroeste, após dois dias de aguada em *Rostro hermoso*. (34) Nesse caso, partiram no dia 28 de fevereiro. Trevigiano diz que os espanhóis correram para adiante, e chegando a noite, avistaram luzes no litoral. Depreende-se que a *flota* partiu ao despontar do sol. Velejou, assim, quatorze horas, isto é, das cinco às 17 horas. Com efeito, se uma caravela podia correr duas léguas por hora, segue-se que a derrota correspondeu a vinte e oito léguas, alcançando a ilha de São Luís do Maranhão. Todavia, como a navegação foi cingida ao litoral, com poucas velas, deve ter percorrido no máximo vinte e seis léguas.

O lugar das luzes, obedecendo-se à hipótese mais racional, coincide com Lençóis Grandes, no Maranhão. Para averiguar mandaram a terra vinte e cinco homens armados, com a condição de se não deixarem perceber. Em chegando à praia, depararam-se com grande multidão de homens, mulheres e crianças. Retornaram aos navios, e, na manhã seguinte, acostaram trinta espanhóis, os quais foram sùbitamente interditados por trinta e dois silvícolas empunhando arcos e lanças. Eram criaturas altas, de fisionomia tôrva, e cruel aspecto, negando-se a entrar em qualquer acôrdo. Regressaram os marujos, e, chegando a noite, desapareceram os silvícolas. Os espanhóis, pensando que haviam encontrado tártaros ou zingaros sem casa nem ocupação, erguerac âncora.

Mais avante descobriram um rio, porém, sem eixo de corrente para as caravelas. Distava do "*mare de acqua dolce*" quarenta légua. Esta distância corresponde pròximamente ao rio Pirabas, na costa do Pará. Quarenta léguas contadas dêste rio para o noroeste falecem no Canal do Sul da foz do Amazonas. Como o rio achado

33) Cumpre averiguar o letreiro de Jurucoacora. Será a revelação do maior segrêdo da História do Brasil. A estrada que conduz ao promontório, onde se acha um lugarejo, junto ao Farol, é a de Granja, passando por Paràzinho, Tiala e Pesqueiro, cêrca de nove a dez léguas.

34) Cf. Anghiera: "desembarcaram e estiveram dois dias".

era raso, os espanhóis desembarcaram em quatro chalupas. Entretanto, não ousaram acostar-se. Uma multidão de silvícolas os aguardava, ameaçando-os com arcos e lanças. Trevigiano descreve os pormenores dramáticos da luta que se travou, com o trucidamento de alguns espanhóis:

"Ma li spagnoli uento tãta turba nõ se asegurarono de acostare. Ma al meglio che potero gli gittaro uno sonaglio & alincõtro quelli gitano ali nostri un pezo doro. Adeo que uno de li spagnoli facendose a terra ptore quello oro, subito una turba de quella canaglia glie forono per uolerlo prendere: ma quello defendendose con la spada non potteua al gran numero reparare perche quelli non existimauano morire ita che saltarono in terra tuti li homini de la quatro barche & forono morti VIII spagnoli: & li latri hebbeno gran fuga ascampare & aretrarse ala barche: ne li ualse esser armati de lanza & de spada che questa gente per molti che fussero morti de loro nom curauano: ma sempre piu arditi li seçuitauano fino ne lacqua per modo che alla fino presero una de le quatro barche & amazorno el patrone. El resto hebbe de gratia de scampare com latre III. Et andersene a naue & far uela & partirse de li: cosi per alhora se trouarono mal contenti: & prosero el loro camin por tramontana che cosi se incolfa quella costa". (35)

Trevigiano é muito sucinto quanto aos acontecimentos no Amazonas. Deixando aquêle rio, talvez o Pirabas, e andadas *"quarenta leghe trouarono el mare de acqua dolce"*. Havia ali muitas ilhas habitadas, especialmente a de nome *Marinatambal*. Os silvícolas, dóceis, informaram que na terra firme *"trouaua grãde quãtita de oro"*. Depois o nauta partiu para Pariá. Na verdade, consoante Sophus Ruge, Pinzón subiu o rio, cortou "pau-brasil", raptou duma ilha alguns silvícolas, e velejou para Surinã. Estêve na *Boca del Dragón*, em Pariá, logo reconhecida pelos filhos de Diego Martin, que ali estiveram uma vez com o Almirante. Seguiu para a ilha da Trinidad, estêve em Tobago, nas Antilhas pequenas, e a 23 de junho entrou no pôrto de Haiti. Prosseguiu viagem para as Lucaias, com a finalidade de raptar silvícolas, porém, a meio caminho, violenta tempestade soçobrou-lhe duas caravelas. E o nauta, sem ouro nem perólas mas com 350 quintais de madeira, canela, gengibre e canafístula, regressou à pátria, entrando em Palos a 30 de setembro de 1500. (36)

---

35) Th. Pompeu Sobrinho situa a luta dos silvícolas no Ceará, em Rostro hermoso. Ora, neste local não houve encontro com silvícolas. Pinzón tomou posse da terra e nela passou dois dias sem maiores preocupações. E Trevigiano esclarece que a luta travou-se em um rio distante do Amazonas quarenta léguas. Como poderia ser no Ceará?

36) Vicente Yáñez Pinzón nasceu em 1460 e faleceu em 1519. Ignoram-se o dia e o mês do nascimento, mas se o seu nome provém do calendário litúrgico, como era costume, deve ter nascido a 22 de janeiro, consagrado a São Vicente Mártir. Sabe-se que o Imperador Carlos V, distinguiu-o com uma cota d'armas: "pelo presente vos fazemos mercê e queremos que possais ter e trazer por vossas ramas conhecidas ,três caravelas no mar natural e de cada uma delas saia uma mão indicando a primeira terra que assim acharam (viagem de Colombo) e desco-

4. *Viagem de Diego de Lepe*

a) *O Rio de San Julian*. De acôrdo com o cronista frei Bartolomé de Las Casas, no mês de dezembro e ano de 1499, deixou o pôrto de Palos o navegante Diego de Lepe, com duas caravelas. Seu lugar-tenente e comandante da outra embarcação era André Garcia. Seguiam-se os pilotos Bartolomé Roldan, Pedro Medel, Pero Sanchez del Castillo, Juan Rodríguez, e os marujos Alonso Rodríguez de la Calva, Juan González, português, Garcia de la Monja, Ferrando Esteban, Cristóbal Garcia, Luiz del Vale, e naturalmente outras pessoas que não depuseram nas "*Probanzas*". Em cabo Verde, na ilha do Fogo, providenciou-se a vitualha. Depois partiram, em data ignorada, no rumo de sudoeste. Navegadas, assim, quinhentas ou pouco mais de quatrocentas léguas, (37) avistaram terra firme.

Depararam-se com uma enseada, não se sabe se de manhã ou de tarde. Mas o certo é que se impressionaram desde logo com a grande extensão da enseada e a presença de um rio na banda do poente. Alonso Rodríguez de la Calva, e outros companheiros, batizaram os dois acidentes como baía e rio de *San Julian*. (38) Ora, o topônimo

---

briram, em um escudo igual a êste, e pela orla do dito escudo possais trazer e trazei umas âncoras e corações, cujo dito brasão vos damos por vossas armas conhecidas e assinaladas". Ao brasão foi apôsto o dístico: "**A Castilla y a Leon Nuevo Mundo dio Pinzón**". Há no **Moseo Naval de Madrid**, um retrato a óleo, mas convencional, do nauta, debuxado por Julio Condoy.

37) **Disse Alonso de la Calva que navegaram "quinhentas leguas poco mas o menos"**, ou **"dende en quatrocientas leguas"**, segundo Cristóbal Garcia.

38) De conformidade com as palavras de Alonso Rodríguez de la Calva: **"llegaron a la tierra a una baya que este testigo y los otros que yban juntos le pusueron nombre san julian"**, e que **"en la dicha baya y tierra que dicho ha no halloron lengua ninguna"**.

Em cartas quinhentistas, Iguape geralmente aparece como "baía", "angra", e "gôlfo". Na **Jornada do Maranhão**, cita-se a "**grande bahia de Iguape**".

Cumpre consignar que a enseada passou pelo crivo de três designações agiológicas: **San Julian**, em Cosa,, 1500; **San Lique** (Lucas), em Egerton, 1508; e **Rio de S. agustin**, no mapa de Turim, o segundo **Padron** espanhol depois do de Cosa, elaborado em 1523. Mas o nome que perdurou foi o de "São Lucas". Em Pedro Reinel, 1516 — **G:. de S. Lucas**; em Visconti de Maggiolo, 1519 — **G:. de S. Lucas**; em Gaspar Viegas, 1534 — **tra de S. Lucas**; em Alonso de Chávez, terceiro Padrón espanhol, debuxado em 1535 — **Angla de S. Lucas**; em Pierre Desceler, 1550 — **tierra de St. Lucas**; em Diogo Homem, 1558 — **tierra de S. Lucas**; em Cornelis de Jod, 1578 — **ter. de S. Lucas**.

Vimos esclarecido na parte relativa ao Ceará, que o manuscrito n.º 2803 do **Atlas** de Egerton harmoniza-se com o de Cosa, inclusive quanto ao emprêgo de alguns topônimos. Parece que o cartógrafo dêsse documento de Egerton, completou o "**rº S.**" cosiano com o nome de um santo, porém, escolhido alheatòriamente — "São Lucas", logo imitado por Pedro Reinel, em 1516. Já no mapa de Turim, houve, talvez, um **lapsus calami** — "Santo Agostinho", e por isso não surtiu efeito entre os demais cartógrafos.

Convém lembrar que o **s** do "**rº S.**" de Cosa proporciona a impressão de um **f**, segundo consta no mapa de Madri. De modo geral o **s** das cartas de marear era delineado à maneira de um traço vertical com a extremidade encurvada. O ponto, conseqüentemente, ficava situado na metade do traço. Em Cosa, êle cortou a letra, dando-lhe a aparência de um **efe**.

"r° S.", incompleto, do mapa de Cosa, combina perfeitamente com o lugar e o nome citados pelos marinheiros: — *r° San julian.* O nauta deparou-se, assim, com um litoral de areia branca, emoldurado pelo revestimento florístico da encosta e pontualizado pelo morro de Iguape.

Como se aprecia, o batismo ocorreu a 19 de março, conforme o *Regimento* de Évora — *Julian martir.* (39) Nesse caso, Diego de Lepe deixou Palos em dezembro, provàvelmente em fins do sobredito, chegou a Cabo Verde no meado de janeiro, querenou o resto do mês e mais onze dias de fevereiro, partindo em seguida, e chegando à enseada de Iguape a 19 de março, com trinta dias de travessia atlântica".

b) *Impressões dos marujos.* Vejamos o que disseram os marujos acêrca da terra descoberta e segundo a pergunta do Fiscal das *Probanzas,* girando sôbre: *"Si saben que Diego de Lepe y los que conel fueron otro viaje descubrieron desde la dicha paria la costa que buelve fazia el mediodia o el sur parte el termino que agora está descubierto".*

Cite-se, em primeiro lugar. Pedro Sanchez del Castillo, pilôto da caravela de André Garcia. Declarou que: *"llegaron á la punta que se dize de Santa Cruz, al Sur ó al Mediodia como en la pregunta se contiene".* Resposta vaga: *que se diz ser* a ponta de "Santa Cruz". O Fiscal, como se viu, não falou em "Santa Cruz", mas na parte ou término que agora está descoberto. O depoente, como alguns outros no pleito de Lepe como no de Pinzón, tinha a idéia fixa de que havia estado no cabo de Santo Agostinho, porque assim ouvira dizer.

Outro ponto interessante está no depoimento do pilôto Cristóbal Garcia: *"fallaron tyerra y direron en la punta del este".* Em outros têrmos, avistaram terra e desembarcaram junto a uma ponta situada ao leste. E para ser mais preciso: *"y de ayi* (da mencionada ponta) *fueron descubriendo".* Ora, localizada aonde, a "punta" de terra? o próprio depoente esclarece adiante: *"descubrieron por la costa de luengo que nadie lo avia descubierto y que todo que descubrió benian tomado la posesyon por el Rey y Reyna de Castilla dende el rio de san julian".* Então. se desembarcaram defronte com o rio Pacoti. segue-se que a *punta del este* é a mesma do morro do Iguape. Em última análise, ambos os depoentes conceberam errôneamente a idéia de que a ponta aludida seria a tal "Santa Cruz" ou cabo de Santo Agostinho.

Dessarte, a ponta de Leste não pode ser absolutamente a do Calcanhar, na inflexão continental, já que o delineamento do mapa de Cosa, espelho da derrota de Lepe, começa justamente em Iguape. Por isso mesmo não aceitamos a tese hipotética do Dr. Th. Pompeu Sobrinho sôbre esta matéria. Com efeito, o ilustre escritor fêz dêss

39) É o que presumimos. Talvez o santo dissesse respeito ao mês e não ao dia, como no caso de Pinzón.

inofensivo acidente — *punta del este* — verdadeiro cavalo de batalha: "A inflexão continental para os nautas era *la punta del este*, o extremo oriental do continente sul-americano, isto é, cabo de Santa Cruz de alguns mapas coevos." O autor, tomando agora por arrimo o testemunho doutro marujo, prossegue: "Árias Pérez, já muito nosso conhecido, diz que a frotilha de Lepe foi "a la buelta del sur" e sabe disto por que lho disseram e "também le mostró la tierra que traya debuxada". Arrimado assim no senhor Perez Pinzón, que nem sequer viajou com Lepe, acelera Th. Pompeu Sobrinho a marcha de suas elucubrações, acrescentando o seguinte: "Ora, a *volta do sul* é a inflexão da costa que do norte corre na direção geral de SE e na ponta do Calcanhar se volta aproximadamente para o sul. O trecho nas proximidades desta ponta constitui a volta do sul; ali começa o canal de São Roque." Nessa fantasia imaginativa o autor coloca Diego de Lepe fundeado na baía de *San Julian*, identificável com o rio Açu, no Rio Grande do Norte. (40) Dessarte, "de São Julião navegou (*Lepe*) primeiramente para leste, costeando até dar com a "buelta del sur", e seguramente, por que as dificuldades de navegar dentro do canal de São Roque são quase insuperáveis para os nautas que lhes não conhecem os segredos, retrocedeu ao ponto de partida (*São Julião*), de onde seguiu, costeando sempre, dentro do quadrante de NW". Em síntese, um breve *picnic*. Ninguém nas "*Probanzas*" menciona o leste como derrota, mas sim o oeste. Nem mesmo Las Casas, cronista a preocupar-se com Diego de Lepe, refere êsse imaginoso *picnic*. O depoimento do senhor Perez foi deturpado para fazer sentido com a tal *punta del este* de Cristóbal Garcia.

Efetivamente, Perez Pinzón não se referiu em suas declarações à pessoa de Lepe, e sim a outro indivíduo, Francisco Velez, comendador de Moguer. Disse Perez: "*fueron adelante, doblaron la punta de san agustin, y fueron a la buelta del sur*". Essa "volta" conseguintemente nada tem a ver com o Calcanhar. Perez quis mencionar a volta do sudoeste, adiante do Santo Agostinho. Enfim, a resposta do depoente ao Fiscal foi: "*dixo que sabe lo contenido en la pregunta descubrieron francisco velez comendador vezino de monguer*". Perguntado: "*como la sabe dixo*", respondeu: "*lo sabe por que tambien le mostró* (Francisco Velez) *la tierra que traya* (conservava consigo) *debuxada*". E adiante: "*y que lo que dize de diego lepe que el descubrió, el dicho diego de lepe descubrió en la misma costa que este testigo* (Perez) *y vicentyãnez abian descubierto*". Em suma, Perez não disse que viu o "debuxo" da viagem de Lepe, e sim a do comendador.

Onde, pois, a "*punta del este*" e a "*buelta del sur*" da viagem de Diego de Lepe? Aliás, o seguinte trecho do depoimento de Antón Garcia encerra a tempestade: "*que el dicho diego de lepe y este tes-*

40) Cf. a nota n.º 29, p. 165 da Proto-história Cearense. Sente-se que o autor não sabe onde colocar o nauta: se na primeira chanfradura, que é Guamoré, se na segunda, que é o Açu.

tigo y vycente añez y otros salieron juntos en el tiempo que dicho diego de lepe fue a descubrir, y que este testigo y los que con el yvan, que heran luiz guerra y alonso velez, legaron a lo contenido en la pregunta, y los dichos diego de lepe y vicente añez quedaron mas traseros". Antón viajou com Guerra e Velez (descobriu a tal "Santa Cruz" que ninguém descreve nem diz a altura astronômica) e Pinzón e Lepe velejaram mais ao norte, portanto, não estiveram no cabo de Santo Agostinho, se é êsse o significado de *"más traseros"*. Esclarece-se, outrossim, que quem viajou não foi pròpriamente o comendador Velez, mas o seu parente, talvez irmão, Alonso Velez. O importante é saber traduzir os autos do inquérito.

O rio Pacoti ou *San Julian* foi o marco zero da derrota de leste-oeste. Ninguém navegou para o oriente, pois o mapa cosiano tem a sua estrema em Iguape. O setor oriental é, como dissemos, um arremate espúrio. Nesse caso, tôdas as "voltas" continentais referidas pelos depoentes dizem respeito à costa do Pará, ou do cabo Orange, exceto o aludido por Perez, com relação ao comendador Velez.

Bartolomé Roldan, por exemplo, menciona uma "volta", mas esta é a do Noroeste: *"é dio la buelta por la costa de mar hazia el poniente, hasta llegar á paria"*. Portanto, dobrou a costa do Pará ou então a do cabo Orange.

Alonso de la Calva, muito positivo: *"e alli* (São Julião) *corrieron el poniente fasta llegar ao rio de maroñon"*.

Juan González, o português, também cita uma "volta", mas refere o cabo Orange: *"sabe que descubrió la volta del levante salido do rio grande* (Amazonas) *hasta otro rio que es en la costa que se dize el dicho santa catalina"*.

Diego Colmenero corrobora la Calva, dizendo que descobriram *"en la tierra firme la parte del medio dia a lo dizen maroñon"*.

c) *A derrota de Vicente Yáñez*. Agora chegou a vez de ver a navegação de Pinzón, consoante a pergunta do Fiscal: *"Si saben que Viceynte Yáñez Pinçon y los que conél fueron a descobrir descubrieron fasta la parte de lebante a la costa que está descubierta fasta la punta que llaman de Santa Cruz e de San Agostin."*

Garcia Ferrando, invertendo a derrota, diz que Pinzón *"descubrió la costa de paria* (desde o gôlfo de Pariá) *fasta la punta de santa cruz"*, isto é, o cabo de Santo Agostinho. Com referência a essa "punta", veja-se o depoimento de Pinzón, autoridade máxima no assunto: *"Descubrió toda la costa de luengo al hoccidente la quarta del norueste."* O rumo citado não diz respeito à costa oriental. Em que pêse o sentido da pergunta do Fiscal, as respostas são dadas com direção alheia à posição geográfica do promontório pernambucano.

Garcia Ferrando, êle próprio, confirma esta assertiva: *"se partieron de alli* (Santa Cruz) *tomando la buelta del norueste"*. Ora, o

acidente de Garcia Ferrando jamais poderia ser outro senão a ponta de Jurucoacora. Vejamos mais uma vez se temos razão: no cimélio de Cosa o *Santa María* se localiza na ponta de Itapajé. Sendo assim, não pode a *"buelta del norueste"* do depoente corresponder com a do Calcanhar para quem vem do sul, pois não? se Pinzón houvesse navegado desde o promontório pernambucano — costeando — muitos acidentes constariam do mapa de Cosa. Por exemplo, a ilha de Itamaracá, o rio Paraíba do Norte, o rio Potengi, a ponta do Calcanhar, a baía de Guamoré, e finalmente os rios Açu, Apodi, Jaguaribe e Pirangi. (41) Dessarte, a única conclusão é que os depoentes dos inquéritos de Pinzón e Lepe confundiram as respectivas pontas achadas — Jurucoacora e Iguape — com a "Santa Cruz" representativa do cabo de Santo Agostinho.

Quanto a Diego de Lepe, ei-lo em Iguape, sem imaginar que Pinzón nesse 19 de março já se achava bem próximo do rio Amazonas. Alguns depoentes dizem que o navegante tomou posse da terra firme, em nome do rei e da rainha. Essa posse, todavia, foi convencional, pois o nauta não trouxe consigo escrivães régios. Lepe cortou ramos e fêz cruzes, colocando-as no cômoro das árvores, em sinal de *"posesyon"*. (42) Outras diligências foram feitas, porém, não especificadas nos autos das *"Probanzas"*, mas que deveriam ter sido o aprovisionamento d'água e de lenha, como também escrever, como de fato escreveu Diego de Lepe seu próprio nome numa árvore *"muy espantable de grueso"*.

Assim se encerram os sucessos do nauta no trecho areno-humo-

---

41) Perfeitamente. Era obrigatório apresentarem os capitães ao Conselho de Índias o debuxo de suas derrotas costeiras. Pedro Medel, no inquérito de Vicente Yáñez, toca nesse pormenor: "**quês publico é notório que hasta entonces no abia ydo ny llegado en aquella parte** (do gôlfo de Pariá ao cabo de Santo Agostinho) **ninguna persona, é que asy parece per la cartª del navegar que cada uno** (capitão) **señalo do que fue y anduvo**". Tratava-se, pois, de **cartª de fé**, individual e comprovadora de terras descobertas e exploradas, indispensável à confecção de um Padrón cartográfico. Dessarte, a lógica é que a banda oriental do mapa de Cosa, apenas configurada, sem acidentes geográficos e sem nomenclatura, não tem apoio realístico. Nenhum capitão espanhol a conheceu, pois do contrário ela constaria no mapa de Cosa com rios, enseadas, cabos e portos. Há, sim, a discutida viagem de Velez ao Santo Agostinho. Esta, porém, não pode por enquanto ser levada em consideração, por faltar-lhe comprovação em base de croquis. Se o nauta lá estêve, o fato é que dessa viagem nada constou no **Padrón Real**.

A propósito do Santo Agostinho, colocado na carta de Cosa, em 35º GW., discute Capistrano de Abreu, em **O Descobrimento do Brasil**, o rumo tomado por Pinzón, demonstrando-se propenso à tese do descobrimento do promontório pernambucano .(F. A. Pereira da Costa, **Anais**). Porém, não se sabe o motivo, talvez porque endossasse a tese de Varnhagen, chegou também a afirmar que o **Consolación** era a ponta de Mucuripe, avistada a 26 de janeiro de 1500. (Barão de Studart, **Geografia do Ceará**).

42) Disse Cristóbal Garcia nas "**Probanzas**" que o capitão "**fazia cruces e las ponia en los arboles y cortaba e fazia otras diligencias asy como escribir su nombre en un arbol, que agora estan escriptos, el qual arbol era muy espantable de grueso, alli en el mismo rio de san julian**". Árvores de tal porte em Iguape não eram novidade. Martim Soares Moreno já relatava êsse fato, dizendo que ali havia madeira para tudo.

so do Pacoti. Mas, cumpre assinalar que, em data ignorada, êle zarpou *"conta el poniente"*, explorando portos e rios, até chegar ao rio do Maranhão, e ali raptou e salteou *la gente* que pôde. (43)

5. *Assuntos conexos*

a) *O cabo de Santa Maria no mapa de Egerton.* Supõe Roberto Levillier, que a carta n.º 2803 do *Atlas* de Egerton, pertencente ao Museu Britânico, e mais outra adstrita aos litorais de Honduras à ilha da Trindad, são da lavra de Amerigo Vespucci, talvez elaboradas em 1508. A de nome: — TERRA SANCTE CRVCIS, apresenta o rio Amazonas como *colpho grando*, e o Mearim como *golpho de muchas basas*. Separa-os uma nesga de terra com três topônimos. Do gôlfo

43) Para o presente estudo histórico-geográfico foi mister consultar e analisar cinco cópias manuscritas e um fac-símile do planisfério de Juan de la Cosa. A primeira delas é litografia de Canovas Valejo Y Trinor, mas um tanto desprovida de interêsse porque ostentando topônimos incompletos, e, às vêzes, ilegíveis; a segunda, menor, proveniente do Atlas de Nordenskiold, também não se prestando a estudo desejável; a terceira, de um livro de Harrisse; a quarta, parcial, fac-símile do documento de Madri; a quinta e a sexta, também parciais, pertencentes à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, sendo que uma delas exibe poucos topônimos na costa brasileira (microfilme por nós presenteado ao Dr. Carlos Studart Filho), e na outra está faltando o nome incompleto: "rº S.". Utilizamos com proveito o fac-símile e a cópia manuscrita mais fidedigna, ao nosso alcance, ou seja, a da Biblioteca Nacional — Gravè sur pierre par I. Boussard — estudada e comentada pelo ilustre sábio Orville A. Derby.

Aproveitamos a oportunidade para assinalar mais dois pontos interessantes do cimélio de Juan de la Cosa. Recorde-se, primeiramente, que Th. Pompeu Sobrinho põe em dúvida a autoria de Vicente Yáñez sôbre qualquer debuxo da costa descoberta, pelo fato de não constar de nenhum dos velhos cronistas espanhóis (sic) coberta, pelo fato de não constar de nenhum dos velhos cronistas espanhóis (sic) e mesmo do resumo de Navarrete o depoimento do pilôto Pedro de Ledesma. Observação inócua, pois, em matéria dessa ordem, prevalecem antes de tudo os autos, constantes dos tomos VII e VIII da segunda série dos Pleitos de Colón. Em derradeiro lugar um indício também comprovador da influência de Diego de Lepe no trabalho cosiano patenteia-se através das duas caravelas do mapa, ambas com o velame aferrado, denotando desembarque na costa cearense. Uma delas, situada defronte com a chanfradura das letras: "rº S.", em Iguape, tem cêsto de gávea conseguintemente a de Lepe. A caravela de André Garcia está pois de conserva. Pormenor, aliás, constante do depoimento de Pedro Sanchez del Castillo: "yba en dicho viaje con el dicho diego de lepe, por piloto en otranao que yba de conserva". Se o debuxo dissesse respeito ao périplo de Pinzón, nêle estariam figurando quatro e não duas caravelas.

Outro ponto a considerar: não se deve confundir o topônimo "p. fermoso", português legítimo, com o Rostro hermoso dos autos das "Probanzas". Demais, a única explicação plausível de sua presença parece combinar com o fato de se encontrar entre os marujos de Lepe um lusitano, Juan González ou João Gonçalves. Como era permitido, em certas circunstâncias e a determinadas pessoas o direito de nomear acidentes geográficos, segue-se que a êste João Gonçalves talvez se deva a autoria do mencionado topônimo português, aliás, uma nota dissoante no conjunto de palavras castelhanas.

Quanto à pessoa do biscainho Juan de la Cosa, natural de Santander, pouco se sabe. Em 1509 êste pilôto e cartógrafo viajou para as Índias Ocidentais acompanhando Alonso de Hojeda, que dirigia uma flota de quatro buques, com trezentos homens. Segundo Sophus Ruge, chegado ao lugar onde se acha hoje Carta-

maranhense para o leste a primeira acidência é o rio Parnaíba ou *riuo de palma*, isto é, da Palmeira, lembrando de logo o *arboledos* em Cosa, que refere o rio das Preguiças. Do acidente supracitado passa-se para o rio Timônia ou *riuo nigro*, sem registar Tutóia. Após o Timônia, aparece a foz do rio Camucim, muito pequena, com dois nomes: *riuo de croce* e *riuo de uaizabariles*. Segue-se uma *costa de laiaz*, setor entre o Comucim e o Acaraú. Com efeito, logo adiante abre-se uma chanfradura arredondada, com um rio situado ao sul denominada: *porto del medon*. O nome tem sua explicação no fato de se encontrar perto da foz do Acaraú — o pôrto do morro — o grande monte de Sernambi. Ao leste do acidente está escrito: *C. de S. Maria*, o mesmo cabo de Cosa, na ponta de Itapajé ou ex-*Consolación*. Continuando para o leste vê-se agora um rio com o classificativo de *porto*. É a foz do Aracatiaçu. Segue-se a *montana verde*, certamente a serra de Uruburetama, e logo mais outro rio, que é o Mundaú, ou seja, o *riuo de luz*. Em Cosa êle se chama *bazrabariles*. Em Egerton passou a dominar o Camucim. Prosseguindo para o leste há outro rio com uma enseada, porém, anônimo. Detrás da enseada está o *monte de arena*. A acidência em epígrafe corresponde aos rios Curu e São Gonçalo. O monte é o atual, localizado detrás dos cinco quilômetros de praia separando o Curu do São Gonçalo. Essa praia chama-se: *plaga de arena*. Mais ao leste abre-se um rio, que é o Ceará, onde se pode perfeitamente incluir a enseada de Mucuripe. Adiante há mais um rio, denominado: *San lique*, sem dúvida, o rii Pacoti, em Iguape. (44'

A exemplo do mapa de Cosa, a deflexão continental ocorre logo adiante de Iguape, mas com a costa oriental dirigida para o sul, e assinalada com três grandes chanfraduras: *S. maria*, ex-Santa Maria de Rábida do mapa de Cavério, no rio Potengi; *S. maria di Colon*, no rio Paraíba do Norte; e finalmente, o *c. de s. augustino*, em Pernambuco.

O valor do mapa debuxado oito anos depois do de Cosa está justamente em provar que a topografia do documento cosiano corresponde de fato aos litorais cearenses, e assim se destrói. mais uma

---

gena, na Colômbia, Alonso de Hojeda desembarcou com setenta homens, alimentando a "**intención de caer sobre las aldeas caribes y apoderarse de los habitantes para venderlos por esclavos y cobrir con el produto una parte de los gastos de la expedición. Fueron inútiles los repetidos consejos en contra que le dió Juan de la Cosa, que conocía por sus viajes anteriores el carácter belicoso de las tribus riberenas y los efectos mortíferos de sus flechas envenenadas, por lo qual queria que se hiciera el desembarco más ao Oeste**". Ao despontar do dia Hojeda e Cosa atacaram uma aldeia, matando todos os silvícolas que resistiram, e levaram para os navios como **botin** humano os que lhes caíram prisioneiros. No segundo desembarque, porém, foram os espanhóis desbaratados pelos silvícolas, ocasião em que pereceu de flechaço Juan de la Cosa, cujo cadáver foi encontrado amarrado a uma árvore e quase irreconhecível devido à inchação produzida pelo veneno das flechas. Êste, o trágico fim do exímio autor do primeiro **Padrón** espanhol dos descobrimentos americanos.

44) **Não há mais dúvida de que o "rº S." cosiano corresponde a San Julian, rio e baía, e, noutros mapas, o São Lucas, pôrto de Iguape.**

vez, a alusão de Duarte Leite sôbre uma costa cosiana entre o Orenoco e o Oyapoc. Corrobora também o mapa de Egerton a posição geográfica do *Consolación*, em Itapajé, e estabelece o rio onde se achou uma cruz, do cimélio de Cosa, como se tratando do moderno Camucim. Para melhor disposição do assunto em tela façamos aqui um confronto dos dois mapas:

COSA — 1500	EGERTON — 1508
r° S	*San lique* .....
p. fermoso	(Sem nome) .....
plaia de arena	*plaga de arena* .....
....	*monte de arena* .....
r° de bazrabariles	*riuo de luz* .....
motas arenosas	.....
.....	*montana verde* .....
(sem nome)	*porto* .....
C° de s:m.ª	*C. de S. Maria* .....
(sem nome)	*porto del medon* .....
punta del medano	*costa de laiaz* .....
r° do se fallo una cruz	*riuo de uaizabariles* .....
	riuo de croce .....
2° negro	*riuo nigro* .....

b) *O rio onde se achou uma cruz.* Cumpre examinar agora o significado do topônimo cosiano em epígrafe. É já bastante conhecido, por fôrça de eficaz empenho divulgativo do professor Raimundo Girão, o ponto de vista sustentado por Th. Pompeu Sobrinho acêrca duma cruz que Vicente Yáñez teria chantado no ancoradouro de Mucuripe, perto de um rio — o riacho Pajeú — e que, de conformidade com o cimélio de Juan de la Cosa, "foi achada depois. seguramente pela expedição de Diego de Lepe, que não esqueceu de anotar o caso na sua figura da costa ou carta demarear. A inscrição do mapa diz: *r° de se sallo una cruz*". (45)

Primo. No desenho n.° 2 do mapa de Cosa, ficou consignado que o *r° do se fallo una cruz* combina com o Camucim. Impõe-se, dêsse modo, um estudo mais acurado, com base em mapas elaborados subseqüentemente ao de Cosa. Um dêles, o primeiro a ostentar o nome da *Cruz*, é, como vimos, o de Egerton. Seguem-se: Gaspar Viegas, — *r. da cruz*, e Diogo Homem — *R:. da Cruz*. Demais, em outros mapas, seiscentistas, aplicam-se, à maneira do de Egerton, dois nomes ao Camucim. Para exemplo ilustrativo temos à mão o PROVINSIA DE SANTA CRVS — 1642, de João Teixeira. (46) Há nêle

45) Sobrinho, Th. Pompeu — **Proto-História Cearense. Separata da Revista do Instituto do Ceará. 1946.**

46) **Agradecemos aqui ao Dr. José Mozart de Araújo, distinto advogado cearense, que nos presenteou com dois microfilmes de mapas de João Teixeira: um, rela-**

uma chanfradura cruciforme, a foz do Camucim, com o topônimo: *R:. da Cruz*, na riba oriental, e *R:.* Comosy, na ocidental.

Secundo. Qual a origem do têrmo *da Cruz*? o primeiro indivíduo a tratar do assunto foi Gabriel Soares de Sousa, conforme o tópico que a seguir se traslada:

> *"Das barreiras vermelhas* (foz do Camucim) *à ponta dos fumo* (Jurucoacoara) *são 4 léguas* (sete léguas) *a qual está em dois e meio, em que também tem colheita* (na enseada das Tartarugas) *os navios da costa. Afirma o gentio, que nasce êste rio* (o Camucim) *de uma lagoa, ou de junto dela, onde também se criam pérolas, e chama-se êste rio da Cruz, porque se metem nêle perto do mar dois riachos em direito um do outro, com que fica a água em cruz."*

Os riachos estão localizados ao sul das barreiras vermelhas, em distância de pròximamente duas léguas e meia, e têm por recipiendário o Camucim. Ainda hoje são conhecidos como "Rio da Cruz", conforme verificamos *in loco*. Compreende-se, assim, o motivo pelo qual nos mapas já citados o rio Camucim ostenta dois nomes. Há mais. Gabriel Soares de Sousa, porque abalizado em informações inidôneas, não é correto na frase: *"se metem nêle* (no Camucim) *perto do mar dois riachos em direito um do outro"*. O braço principal da cruz não é o Camucim, mas outro riacho, aliás, com três braços, confirmando os topônimos: *R:. de 3 Bras*, em mapa de Pierre Descelier, *R:. de 3 braços*, em mapa de Vaz Dourado, e *R:. de 3 brassos*, em mapa de Le Festu, mas todos indicando a foz do Camucim, conforme o *croquis* anexo.

Tertio. O nome *da Cruz* sobrepujou, temporàriamente, o outro denominativo, isto é, Camucim. Daí a razão de escrever-se no *Regimento de Pilotos*, de Maris Carneiro — 1665. o seguinte: *"Este é o Rio, que nas cartas de marear se chama o Rio da Cruz, e pela lingoa da terra se chama Camusim."* (47)

Dessarte, não pode haver mais dúvida de que o *rº do se fallo una cruz* designa o Camucim, que investigamos até o Riacho da Cruz, em janeiro de 1960.

Está, portanto, com a razão Capistrano de Abreu, que mesmo sem deslingar a topografia do mapa cosiano, houve-se por indução, dizendo: "O nome do rio da Cruz (*rº donde se hallo una cruz*) já se encontrava no mapa de Juan de la Cosa: é o atual Camucim." Em

---

tivo ao cimélio: **Provinsia de SANTA CRUZ, a que vulgarmente chamão Brasil**, cópia da carta que se acha arquivada na Biblioteca do Palácio Real da Ajuda, e outra: **Terra de SANTA CRUZ, a que vulgarmente chamão Brasil**, cópia da que se acha arquivada no Instituto Histórico Brasileiro, ambas de 1642.

47) Ao contrário da afirmativa de Th. Sampaio, o vocábulo Camucim não é túpico, mas aruaco, procedente de Camoti, o "vaso" ou "urna" de barro. Em tupi êste utensílio se chama igaçaba. Cf .Cardoso, Armando Levy — Toponímia Brasileira.

outros têrmos, trata-se de *um rio em forma de cruz*, ou como se acha escrito na carta de Egerton: — *rio de cruz*, e como exemplifica Gabriel Soares de Sousa: a *água em cruz*, e não que Diego de Lepe houvesse encontrado qualquer madeiro de fé cristã porventura chantado por Vicente Yáñez em Mucuripe ou no Camucim.

c) *O rio de Vicente Pinzón*. Outro cimélio confirmativo da presença de Vicente Yáñez em litorais cearenses é o de Diego Ribeiro, oficialmente conhecido pelo título de *Carta Universal em que contiene todo lo que del Mundo se ha descubierto fasta agora*, debuxado em Sevilha, 1529, e presentemente arquivado na Biblioteca do Colégio de Propaganda Fide. (48)

Identificamos-lhe tôdas as acidências entre o cabo de Santo Agostinho e o rio Sinamary, na Guiana Francesa. Os litorais vinculados a êste exame topográfico começam no promontório acima aludido, como se aprecia no *croquis* do mapa, devidamente graduado em latitude e longitude:

1 — *C:. de .S. agustim*. Situado em 8º Sul.
2 — Sem nome. O pôrto do Recife.
3 — Sem nome. O pôrto de Olinda.
4 — *Pernãmbuco*. Situado numa chanfradura semicircular, com uma ilha e um rio. A ilha é Itamaracá. (49)
5 — Sem nome. O rio Paraíba ou pôrto de Cabedelo.
6 — Sem nome. Reentrância em forma de rio. É o Potengi ou pôrto de Natal.
7 — Sem nome. Corresponle ao rio Ceará-Mirim.
8 — *C:. de S. Roque*. O cabo de São Roque, em 5º e 30'S.
9 — Sem nome. O pôrto de Touros.
10 — Sem nome. Enseada de Caiçara, no canal de Santo Alberto.
11 — *Arrecifes*. Numa chanfradura dúplice, correspondendo à Baía de Guamoré e à enseada do rio Açu. (50)
12 — *Arboledas*. Na foz do rio Apodi.
13 — Sem nome. O rio Jaguaribe.

---

48) Há um outro mapa de Ribeiro, mais conhecido como mapa das legendas, também de 1529. Não tem grande valor científico. É imperfeito quanto ao contôrno dos litorais cearenses, na parte relativa ao setor entre o rio Mundaú e o rio Camucim. Nota-se que êle foi traçado hipotèticamente. Alguns topônimos discordam, com relação aos lugares, de outros constantes do mapa aqui estudado.

49) De fato, "Pernambuco" na cartografia quinhentista indicava o pôrto de Itamaracá, segundo a palavra autorizada de Castro, Eugênio de — O "pôrto de Pernambuco" e o pôrto "Rio de Pernambuco em 1530". Rev. dos Institutos Arq. Tist. Geog. Pern., XXIX, 1929.

50) Laet afirma que na baía do Açu havia "quatre emboucheures", salientando: "il y en a d'autre qui adverstissent de n'appreucher de coste de deus lieus, à causae des bancs & rochers". Laet, Jean de — L'Histoire du Nouveau Monde, ou Description des Indes Occidentales. D'Anvers, 1640. O topônimo arecifes, situado na chanfradura dúplice, corresponde pois a Guamoré e Açu, no mapa de Diego Ribeiro, assinalando a fragosidade daquele litoral.

14 — Sem nome. O rio Pirangi. Detrás desta última chanfradura está a inscrição: *playa del pêêl*. Corresponde ao setor entre o Pirangi e o Jaguaribe. (51)

15 — *trra del paizo*. Detrás duma chanfradura dúplice. Corresponde ao rio Choró e à baía de Iguape. (52)

---

51) O nome: **"pêêl"** é abreviatura de "parcel". Os sinais ortográficos são fantasiosos. Veja-se, por exemplo, em Gaspar Viegas: — pcel.

52) Th. Pompeu Sobrinho referindo o topônimo: **paizo**, da carta de Ribeiro, diz o seguinte: "com sua **"tierra de paizo"** ou **"pairo"**, a terra das praias".. A palavra nada tem a ver com praia. Damião de Góis (1566) narrando a viagem de Pedro Alvares Cabral, diz: **"e ahos vinte e dous com vento prospero passou pela ilha de Santiago, avante da qual se apartou da frota com tormenta ha nao de que era capitan Luiz piz, que arribou a Lisboa desbaratada, per cujo respeito ANDOU PEDRALVARES CABRAL AHO PAIRO com tôda ha armada dous dias, mas vendo que não aparecia, seguiu sua viagem"**. Góis, Damião — **Crônica do Serenissimo** Senhor Rei D. Manuel — 1790. No roteiro de Manuel Regefeiro, está consignado: "esta noite andamos ao **pairo de Norte Sul"**. Viagem em litorais cearenses. A palavra "pairo" ou 'paizo" quer dizer: **"flainar', ou seja, dar um giro**, quando se procura alguma coisa; ou vagabundear, dando tempo ao tempo, no caso de Regefeiro. Chama-se no mapa de Diego a **'terra do pairo"**, porque justamente naquele setor de costa os navios costumavam "flainar", devido naturalmente a condições meteorológicas.

Em cartas antigas há vocábulos dificeis de interprettação, como, por exemplo, o **bar de pees**, Rotz, ou "barra de parcéis". O primeiro **e** deve ser um **c**: — **pces** = parcéis; a **baia Sequa**, Dourado, ou "baía Séca"; o **Santa maría de agoodia**, traduzido na última palavra por Duarte Leite como sendo "agonia", mas na verdade: "agondia", de 'aguada". O segundo **o** é um **a** mal delineado. Veja-se esta legenda, no mapa de Alonso de Santa Cruz: — **A PRODLANVEVAANDALVZIA**. Tradução: A PRO. D. LA NVEVA ANDALUZIA, ou: **A Província da Nova Andaluzia**.

Polêmica interessante é a de Roberto Levillier, Alberto Magnaghi e Giuseppe Caraci, em tôrno dos topônimos: **rio de cananor** dos mapas Kunstmann II e Cavério, e o **rio de cananea** do Kunstmann III. Consoante Magnaghi, Cananor teria sido modificado para Cananea: "Nada de extraordinário, em todo caso — e a hipótese só pode parecer razoável — que em seguida, mas certamente antes de 1501-1506, um copista desconhecido transformasse o topônimo em Cananéia, buscando assim dar-lhe um significado, pois Cananor não tinha nenhum sentido". Em suma: **"Si ammeti da tutti che Cananea (nome che si conserva anchora sulla costa a 25.° circa di lat. S) sia la lettera giusta, e che Cananor sia l'errore di un copista"** — Magnaghi, Alberto **Amerigo Vespucci**. Studio Critico, Vol. II, 215-216. Já Levillier não tem dúvida em afirmar que: "O Autor julgou que Cananéia era o Cananor dos primeiros mapas, e que onde se dizia Cananor podia-se, impunemente,, dizer Cananéia. Foram sempre dois rios de latitudes diferentes, descobertos em expedições diferentes". Levillier, Roberto — **As Cartas e Viagens de Vespúcio, segundo Magnaghi**, 461-463. Nesse interim, aduz Caraci: "a explicação mais plausível até agora dada ao nome Cananor é a de Varnhagen, que nêle julga reconhecer qualquer nome indígena adotado pelo navegador florentino", isto é, Vespucci. Caraci, Giuseppe — **Amerigo Vespucci e um moderno crítico argentino**. No fim de contas, causa admiração e até hilaridade a polêmica, pois "cananor" não é deturpação de nome indígena, mas indostânico, e, "cananea", bíblico. Consulte-se o sítio de Cananor, em Joseph François de Lafitau (S.J.), **Histoire de découvertes et conquestes des portugais dans le Nouveau Monde**. Paris, 1734. No século XVII Cananor, na costa de Malabar, descoberta por Vasco da Gama, era "praça" comercial portuguêsa, aliás, disputada pelos holandeses em 1633. Havia outra: Colón, Cochin e Cranganor. No século XIX foi governada por uma rainha hereditária e tributária dos inglêses.

16 — *b:. hmosa.* Uma chanfradura com rio e sinal de baixio. É a enseada de Mucuripe, o mesmo *p. fermoso* do mapa de Cosa.
17 — *G:. del aguada.* Chanfradura dúplice, onde se acham os rios São Gonçalo e Curu. (53)
18 — *b:. aparcelada.* O rio Mundaú.
19 — Sem nome e sem chanfradura. Lugar onde deveria estar situado o rio Aracatiaçu.
20 — *C:. negro.* A ponta de Itapajé. O qualificativo diz respeito à coloração ferruginosa do acidente.
21 — *R:. de micete pisón.* O rio Acaraú.
22 — Sem nome. O rio Camucim.
23 — Sem nome. O rio Timônia.

Em última análise, no cimélio de Cosa, a ponta de Itapajé tem o nome de *Cº de s:m ª*. No de Egerton, — *C. de .S. Maria.* Não só isso. Em Ribeiro, conserva-se a mesma designação de "cabo", porém, com o nome de *Negro*. Não obstante, o cartógrafo passa a chamar o rio Acaraú com o nome de "Vicente Pinzón". Existe pormenorização histórico-topográfica mais explícita do que esta? E ainda há quem afirme, seguindo o rumo do professor Duarte Leite, fanático nacionalista no conceito de Roberto Levilller, que o planisfério de Juan de la Cosa não permite identificar o setor primeiro em que fundeou o nauta espanhol!

53) Th. Pompeu Sobrinho identificou o gôlfo de aguada de Ribeiro com a enseada de Iguape, pelo simples fato de no mapa de Pedro Reinel o rio Pacoti estar assinalado com o nome de aguada. Ora, havia na costa cearense dois lugares de aguada: em Iguape, e no rio São Gonçalo. No século XVII passou-se a explorar a enseada das Tartarugas, abrindo-se cacimbas ao sul do morro de Jurucoacoara. Enfim, a reentrância relativa aos rios São Gongalo e Curu, dos mapas antigos, vem assinalada em Reinel como gôlfo dos Negros. Em Ribeiro, dispensou-se a presença dos silvícolas em troca da água doce represada pelas dunas na foz do São Gonçalo.

20
Costa de arena
19
r° de arboledos
18
Plaia
17
16
costa pareja
m. negro
15
14
plaia
z° negro
13
12
G de arenjas
r° a o se fallo Vna cruz
11
punta del medano
10
9
8
O de S: m^a
7
6
motas arenosas
5
r° de bazrabariles
4
plaia de arena
3
P fermoso
2
r° f
1
CAO
01
43
42
41
40
39
38

MAPA DE JUAN DE LA COSA

Croquis, determinando a costa brasileira, desde a enseada de Iguape, até os Lençóis Grandes, no Maranhão.

CROQUIS DO MAPA DE JUAN DE LA COSA

Identificações:

01 — Rombo no mapa.
1 — Falsa deflexão da costa. Contôrno hipotético.
2 — *r. s.* (Nome incompleto). Enseada de Iguape. Rio Pacoti.
3 — *p. fermoso*. A enseada de Mucuripe.
4 — *plaia de arena*. Entre os rios S. Gonçalo e Curu (1).
5 — *r.º de bazrabariles*. O rio Mundaú.
6 — *motas arenosas*. Quatro morros entre Pedras e Icaraí.
7 — Chanfradura sem nome. O rio Aracatiaçu.
8 — *C de s:m^a*. A ponta de Itapajé.
9 — Chanfradura sem nome. O rio Acaraú.
10 — *punta del medano*. A ponta de Jurucoacoara.
11 — *r.º do se fallo una cruz*. O rio Camucim.
12 — *C de arenfas*. A ponta do rio Timônia.
13 — *z.º negro*. O rio Timônia.
14 — *plaia*. Entre o Timônia e o rio Parnaíba.
15 — Chanfradura sem nome. O rio Parnaíba (2).
16 — *costa pereja*. Litoral recifoso de Tutóia.
17 — Chanfradura sem nome. O rio da Fome.
18 — *plaia*. Entre o rio da Fome e o das Preguiças.
19 — *r.º de arboledos*. O rio das Preguiças.
20 — *Costa de arena*. Litoral de Lençóis Grandes no Maranhão (3).

---

(1) A chanfradura corresponde aos dois rios que, em outros mapas, ensejam o "golfo dos Negros".

(2) O m. negro, aparecendo na riba ocidental do Parnaíba, é inidentificável.

(3) Os topônimos deslocados de seus respectivos lugares estão corrigidos com setas. Numeração e graduação pospostas ao mapa para melhor orientar o leitor.